

ção e não de construção. O sistema representativo exprimia, no campo político, a fase desorganizada da luta de classes, para prevalemento de grupos, que iam até ao absurdo de serem antinacionais. Cisões no cérebro de um povo, absurdas e demolidoras. Tais conceitos têm que ser superados. Não somente o Estado não deverá exprimir aquela luta, como terá de dominar todas as actividades económicas, ser o organismo ético, que absorva todas essas actividades, quando tenham um conteúdo moral e social, elevando-as a função.

A introdução do fator moral, supremamente construtivo, na vida social, inverte a posição do problema. Para maior rendimento utilitário de todos, têm os grupos sociais que evitar o estrago dinâmico da luta do período caótico, para viverem coordenados e não em oposição, para cooperarem e não para se elidirem. E' contraria á lei do mínimo esforço uma cadeia de sobrepujamentos e reações; por isso, segundo a lei de evolução, tem de cair. A luta de classes pode considerar-se uma enfermidade social do período involvido, um facto patológico vencido. O sonho de demolir o capital, para realizar o advento de um proletariado supremamente inapto, na sua inconsciencia, a qualquer função diretora, significa secar as fontes da riqueza de todos. Superabundância e violencia, desfrutação da ignorância popular por egoismos políticos, não resolveriam o problema da riqueza. Filosofia económica de decadencia, mecanismo de destruição.

Mas, está nas leis da vida a ascensão a uma fusão e solidariedade de todas as forças da produção, sem opressões, nem supressões, dando lugar a todos, para que todos dêem a sua contribuição. E todas as classes encontrarão no colaboracionismo reconhecimento e proteção, o lavrador do pensamento e o lavrador da terra, o soldado e o operário. Colaboração, não luta de classes. A propriedade é base natural do edifício económico, tal como a família o é do edifício social; é, como esta, lei da natureza, vigente mesmo no mundo animal. Destruir essas unidades primordiais e in-substituiveis é demolir a natureza humana. O instituto da propriedade, criado para a propria defesa dos vencedores na luta económica, atacado pelos vencidos, permaneceu sempre e permanecerá, apesar de todas as tentativas de demolição, porque corresponde á necessidade fundamental de defender uma posição que *todos*, embora alternativamente, acabam por ocupar. Isto significa elevar tudo, ao passo que, antes, tudo significava desejar; nada destruir, criar tudo. As revoluções destrutivas tem que suceder uma revolução construtiva, enquadrando todas as forças e com elas constituindo uma unidade; as revoluções que partem de baixo para demolir, sucederá uma revolução descendo do alto para construir: descedida das aristocracias do pensamento, para levantar os humildes, ascensão dos humildes á compreensão. A tarefa das classes não é

elidirem-se, mas compartilharem dos frutos da mesma civilização, encaminhando-se para uma compreensão reciproca. A tarefa da classe dirigente não é dominar, mas educar a plebe dos tumultos, velho instrumento de vinganças, muitas vezes vítima das represões, sempre massa ignara, amorfa e céga, afim de transforma-la em povo que ascende para a mais alta consciencia coletiva.

#### XCIX — O Chefe.

Qual será o chefe, nesse novo organismo a surgir para a vida? Como o escolherá e lançará para o alto a historia? Ha momentos em que ela atravessa uma curva decisiva, em que se dá a maturação da fase resolutiva de uma civilização milenaria, em que imensas maturações sociais se acham iminentes, no alvorecer de novas civilizações. A humanidade, então, parece perder-se em crises e conflitos e todo o passado como que se esborracha. Então, as forças da vida invocam o genio que interprete e crie e os equilibrios da lei o trazem á luz, valorizam-no em plena eficiencia, convergindo a sustentá-lo as forças do imponderável, afim de que ele plasme e eleve. Então, o homem que haja operado, pelo seu trabalho íntimo, a sua maturação biológica, é chamado, por atração, á linha de uma especialização maior, afim de que dê todo o seu rendimento á obra coletiva que lhe é confiada e que se torna sua. A vida do Chefe é missão suprema. Esses fenomenos não constituem misterio para nós que nos encontramos sempre em movimento, aderentes á substancia no imponderável.

E' pueril, dentro desse desencadeamento de forças titânicas, procurar a razão das coisas nas velhas formulas humanas. A grande Lei, que no íntimo sustenta todas as coisas, tudo amadurece, em perfeita harmonia, para metas nunca fortuitas. A vida dos povos tem seus equilibrios profundos, como a vida inorgânica e a orgânica, e, assim como estas produzem, no momento da maturação evolutiva, a molécula ou a célula, também a vida dos povos produz, no momento decisivo da evolução biológica, o seu homem, a sua célula superior, trazida á luz pela tensão de todas as forças da vida, a explodirem triunfantes, após um oculto esforço secular, afim de que aquela célula cumpra, por lei de coordenação, a sua função de cérebro e de vontade, de direção e de imperio, porque tais são, em natureza, a sua capacidade, diferenciação e função biológica.

Tal será o Chefe, pela sua grandeza, mas também pelo seu dever, pela sua satisfação, como pelo seu esforço, pela sua vitória, como pelo perigo que corre. Nessa função e nesse perigo estão a justiça da suprema lei de Deus e a base, antes divina que humana, de uma investidura sagrada, que, na vida, é missão; estão o seu direito de governar e o dever, para os povos, de obedecer-lhe, unidos todos

dante de Deus, como operarios diversos, empregados no mesmo trabalho.

A novissima afirmação é que o chefe, em momentos excepcionais, é escolhido por *seleção biologica*. No instante decisivo, intervém diretamente a Lei, superando as convenções sociais; manifesta-se uma lei mais verdadeira do que essas convenções. Os povos procuram, por instinto, a célula que preencha a necessaria função coletiva do mando, descobrem-na, sentem-na e lhe respeitam a função, não por coacção ou convenção, mas espontaneamente, por uma lei que tambem lhes está no instinto. Quando um povo haja encontrado o seu chefe, que lhe sinta e exprima a alma, lhe coordene as atividades, desempenhe a função biologica de defensor e unificador material e espiritual do novo organismo, descansa contente, com o seu instinto satisfeito, como repousa o do corpo nutrido, o da mãe que tem o filho, porque assegurado está o futuro da vida. Os tumultos da vida politica são, como os da fome e do amor, os tumultos profundos da vida que *tem de avançar*.

Na historia, nenhum sistema de atribuição de poderes oferece as garantias desse que é substancial, intimo, não formal, nem exterior. Um chefe de tal especie emerge dele como produto da vida de um povo e só de um povo que o sabe produzir. As leis biologicas não concedem chefes nos seculos de repouso, nem aos povos impotentes, estereis, condenados. O superhomem não se improvisa, não se alça por sistemas eletivos, por convenções ou coacções sociais. A raça é raça, é natureza intima que se construiu na eternidade, é substancia de alma, é uma capacidade unica, é um destino, é uma maturação de grandes forças biologicas. O Chefe, assim, de raça, é escolhido, não por voto, mas pelo embate das forças sociais; é filho não dos calculos das urnas, mas da tempestade em que se debatem os povos pela vida. E' escolhido, não pelo consenso de homens, mas pelo consenso das reconditas leis da vida. Ele se impõe, subverte como um furacão o passado, no torvelinho da revolução. Qual a onda que, oriunda do misterio, o lança para o alto? Não o sabe o homem. Todos, porém, se inclinam, porque assim o ordena uma lei mais profunda do que as humanas. Ele se coloca no seu posto, pelo direito que lhe dão o seu destino, a sua raça, a sua capacidade, depurada pelo sangue na luta que não tolera inaptos.

Coloca-se no seu posto e nele permanece. Somente por intrínseco valor poderá ele resistir numa posição que, pela sua altitude, se acha exposta a todos os raios. Esses os verdadeiros controles do poder, as verdadeiras garantias do valor e do rendimento do homem, pois que tenaz é o assalto de todos os instantes, sem tregua a guerra, não havendo muletas para os fracos, nem possibilidade de mentira, em face das leis da vida. Esse o direito substancial, o direito do valor, do merito, da função, da missão, não apenas o da

legalidade formal. O Chefe estará no seu posto, por ser o orgão maximo de maior vida coletiva e nele permanecerá pelas mesmas leis biologicas, inviolaveis, até que se ache exaurida a sua função social.

Substituo o conceito da legalidade humana pelo da justiça divina, que sanciona os valores intimos. Ponho na base dos fenomenos sociais as leis eternas da vida. No fundo do problema jurídico, vejo sempre o problema biológico, que lhe é a alma; só sendo solidas as posições do segundo, solidas serão as do primeiro, que lhe é a expressão. Essa a base substancial da legalidade. Somente se compreendem os motos das forças politicas, jurídicas, sociais, se reduzidos á sua substancia biologica. Que sistema mais substancial de escolha e de garantia pode um povo encontrar, do que essa bem mais severa filtração que as lei da vida operam? Qual a lei mais profunda do que a lei biologica, na qual todas as fibras são apuradas? E' absurdo pretender-se que o poder seja escolhido de baixo, seja definido por niveis biologicamente menos evolvidos. O sistema representativo é um metodo para a pesquisa do melhor. Mas, as massas podem aceitar e suportar o superhomem; comprehende-lo antecipadamente, não. E' a evolução que ha de colocar á frente aquele que constitua uma antecipação, para que arraste e plasme os outros, menos evolvidos, que apenas saibam receber e obedecer. Inverte-se então o tradicional conceito: a escolha não provém do numero mediocre, mas do alto, das forças da vida. O numero é quantidade, incompetente, portanto, para decidir sobre a qualidade. Consistindo a sua missão em educar, terá o Chefe que ser um senhor espiritual que, do alto da sua fase superior, desça e dê, e não um mediocre que suba e peça. Confio nessa legalidade mais profunda do que humana. Segundo o meu conceito, a base do direito está na capacidade. O chefe mandará com o mesmo direito pelo qual vôa a aguia. Ele será joeirado a todo instante pelas resistencias que garantem as capacidades e a função. Pois que são as forças biologicas que conferem o poder, tambem são elas que o tiram, logo que cesse a função.

O poder que vem do alto tem um conteúdo muito diverso do daquele que é concedido de baixo. E' dever e não direito, função e não conquista, ordem e não arbitrio, sacrificio e missão. Ao superhomem a investitura desce do alto; ele vê o infinito e não admite abusos; entrama-se indissolvel no seu destino; eterno lhe será o premio, além da vida. A mão de Deus o guiará e ele, no proprio mando, obedecerá, não cuidando senão de dar, para realizar-se a si mesmo. Cerebro de um povo, constituir-se-á a super-elevação que guia e ilumina a revolução biologica e impele a vida para as suas fases supremas. Engastará o seu labor na serie das criações historicas dos milenios, por quanto nos milenios os homens escondidos trabalham em cadeia. Atuará na sua fase, em perfeita cor-

respondencia com os momentos historicos precedentes e seguintes, sobre a eterna evolução social, maturando o passado, antecipando o futuro. Beberá em fontes que lhe são proprias, a atividade social se transformará, acompanhando a sua visão, que se fixará na evolução jurídica. Educará, criará a conciencia coletiva, por saber que essa criação interior antecede a compreensão e é a base da vida dos institutos que depois a exprimem. Não a ciencia humana, mas essa visão é que lhe guiará o braço estendido para o futuro em atitude de comando. Torna-se força num turbilhão de forças em busca de novas civilizações. A sua vontade, guiada pela intuição precisa das correntes do pensamento e da vida do mundo, se introduzirá ativa na lei cósmica da evolução. Criando novos institutos sociais, lançará em formas novas os valores morais dos séculos.

No quadro da sua concepção, estará organicamente colocado o Chefe, ao mesmo tempo como idéia e ação. Ele será a sua idéia, posto no centro do seu Estado, que lhe palpita ao derredor, como auréola sua, como vida emanante da sua vida. Será um pensamento e uma vontade unica, central, responsável, instantanea, não, como nas formas representativas, um pensamento e uma vontade multipla, cindida, tarda em achar-se a si mesma. O Estado será o organismo que terá nele o cerebro, sendo os cidadãos celulas inúmeras, investidas de missões menores, numa coordenação harmonica de funções convergentes para o cume. Da periferia ao centro, dos membros ao cerebro, ao coração, haverá uma corrente continua de permutas, uma descida de pensamento, de força, de conciencia, de ajuda; uma subida de contribuições vitais, que se encontrarão no centro e tornarão a descer fecundas. Assim, o Estado será também centro de irradiação moral, alma, fé, religião. A celula individual se sentirá aí mais forte. Pela primeira vez na historia, o conceito de Estado absoluto ou representativo estará substituído pelo conceito biológico de Estado orgânico. Os valores morais, os produtos das civilizações do mundo realizarão seu triunfal ingresso no Estado, não mais cindidos em estreis antagonismos de classes e de princípios, de ciencia e fé, de Estado e igreja, de rico e pobre, mas fundidos numa unidade que a nova civilização imporá, assim no campo do pensamento, como no da ação.

O novo Estado será um gigantesco organismo, uma imensa força de colaborações, em o qual máquina, trabalho, produção, riqueza, ciencia, religião, tudo se fundirá e operará organicamente. Esta alta concepção de vida coletiva se acha imitida em círculo no sangue dos povos para produzir a valorização das massas. Essa a criação biológica que a Lei confia ao Chefe. A nova alma coletiva está por se desenvolver e afirmar e ele vigiará os primeiros movimentos desse seu filho pequenino, guiando-o e educando-o. Do conceito de estado-rei ao de estado classe-social, ao de estado-povo; do de poder absoluto ao de poder representativo, ao de poder-

função, o poder desce e se descentraliza, á medida que a conciencia coletiva ascede e se dilata. E' a ascensão do espirito, que progressivamente limpa de suas escorias o princípio, por quanto, nos equilibrios biológicos, a medida do mando é dada pelo grau de conciencia alcançado. Os povos precisam mais de mestres do que de liberdade, mais de guia do que de comando, enquanto não se acham maduros. O Chefe então observa; o seu povo será o seu corpo; sua aquela alma, seus aqueles tormentos, aquelas esperanças, aquelas vitórias. Chefe e povo: unidade indissolúvel. O mundo está em marcha. A realidade biológica impõe: ou evolução ou morte.

### C — A Arte.

Ao pôr em fóco os problemas de detalhe da fase *a*, coloco-lhes no ápice a arte, como suprema expressão da alma humana. Nenhum outro melhor exprime a idéia dominante de uma época. Às vezes, é graça e delicadeza; às vezes, simplicidade e força; às vezes, profundezas de espirito puro; às vezes, vazio ouropel de forma. Traduz sempre o pensamento humano, a ascender ou a decair, aproximando-se mais ou menos da grande ordem divina. O pensamento, que ora ousa, ora repousa, ora juvenil, ora decrepito, é, primeiro, retílineo e cortante como a força; depois, arredondamento de linhas, um esforço em decadência, vazio escoramento do vaso pela grandiosidade das formas. Estilo sereno ou audaz, limpidos ou confusos, cansados ou potentes, é sempre o semblante exterior da alma humana, do mistério de infinito que nela se agita. Como tudo o que existe tem uma fisionomia que é expressão de alma, revelação de um pensamento divino em que fala incessantemente o universo, também a arte é revelação de espirito. Tanto mais valerá, quanto mais transparente e simples for a sua forma, quanto menos se fizer sentir a si mesma, quanto mais substancial e potente for a idéia no eterno, quanto mais aderente á lei e quanto mais se impuser á forma. Fenômeno estritamente conexo às fases ascensionais ou involutivas do espirito, a arte se apaga quando o espirito dorme, porque somente nele está a sua inspiração. A arte é espirito e a matéria a mata; o materialismo a matou, mas agora tem ela de renascer.

Recomeçareis novamente, com meios novos, mas, sobretudo, com uma grande idéia nova. O segredo de uma grande arte consiste em saber realizar o milagre da revelação do mistério das coisas, em saber exprimí-lo á luz dos sentidos, depois de uma profunda comunhão íntima com o mistério que palpita na alma do artista. Deve este ser um vidente, normal no supranormal, onde tudo é espirito e onde não chega a vossa habitual concepção da vida. A nova grande arte tem que ser completa, presumindo artista tam-